



Tema & Variações

BRUNO BORRALHINHO

Coluna mensal sobre o mundo da tal música que é *clássica* para uns e *erudita* para outros. Assuntos de abundante subjetividade e, por vezes, pouco isentos de polémica. Daqueles sobre os quais todos os músicos conversam e discutem, mas nunca chegam a conclusões cabais. Daqueles que permitem saciar a curiosidade do público entusiasta e, já agora, construir pontes e viadutos comunicacionais entre o palco e a plateia. E para que ninguém ouse levar os temas pouco a sério, as variações serão comentadas e discutidas em exclusivo com alguns dos melhores músicos do planeta.

O instrumento ideal: uma parte de um todo

O instrumento de sonho procura-se, mas nem sempre se encontra. É uma espécie de batalha eterna que muito poucos conseguem vencer e, por outro lado, uma experiência fundamental e enriquecedora no percurso do próprio instrumentista. Que o diga o famoso violoncelista brasileiro Antônio Meneses, de cuja fantástica carreira fizeram parte nada mais nada menos do que um Guarnerius, um Landolfi, um Gagliano, um Villaume e dois Goffriller. Para além do vasto catálogo de instrumentos antigos, conta também com uma apreciável lista de réplicas modernas de modelos Stradivari, Maggini e Montagnana dos construtores Phillip Cray, Filippo Fasser, Fabrice Girardin e Luiz Amorim. À trivial pergunta «porquê?», Meneses confessa-me com invulgar franqueza que «existem violoncelos muito superiores» àqueles que teve oportunidade de tocar mas que, de qualquer forma, «não existe nenhum que seja perfeito». Além disso, admite que se foi deixando levar pela «necessidade» de encontrar o instrumento mais adequado para um determinado «momento da (sua) evolução como músico» e que, afortunadamente, teve sempre «uma certa facilidade» para se adaptar a cada um deles.

CONVIDADO ESPECIAL

Antônio Meneses



© Paolo Carta

Vencedor do Concurso Internacional ARD de Munique (1977) e do Concurso Tchaikovsky de Moscovo (1982), o violoncelista brasileiro é possuidor de uma carreira excelente e multifacetada. Foi solista e gravou com as principais orquestras do mundo sob a batuta de maestros como Karajan, Muti, Jansons, Abbado, Prévin, Chailly, entre muitos outros. Foi membro do célebre Trio Beaux-Arts e é professor em Berna, na Suíça.

Para condimentar a argumentação sobre este tema, é oportuno lembrar os vários estudos e *blind tests* que confrontam instrumentos de corda modernos e antigos, se bem que, tendo em conta a contraditória multiplicidade de resultados, prefiro não tentar perceber se os mesmos são patrocinados por construtores modernos ou por *dealers* de antigos. Escusado será alongar-me sobre as absurdas diferenças de valor monetário entre alguns instrumentos antigos e outros modernos, embora hoje em dia também já existam construtores com coragem para pedir autênticas fortunas pelas suas últimas criações. Ao invés, não deixa de ser fenomenal como amiúde ficamos bem almoçados com uma coxa de frango assado e batatas fritas, mas não paramos de olhar com desdém para a cara de regozijo do vizinho, enquanto este degusta o seu minúsculo mas atraente *foie gras*. Supostamente dispensados destas preocupações, estão os cantores e os maestros, cujos "instrumentos" vêm instalados de origem, ou os músicos de sopro porque, em geral, o seu ramo é mais pragmático e preferem instrumentos novinhos em folha, já com os mais recentes melhoramentos e novidades técnicas, em detrimento de instrumentos mais antigos que tendem a perder qualidade com o desgaste próprio da idade e da utilização.

«Já ouvi Stradivaris que soavam mal porque o músico não tinha a capacidade de tirar o som ideal do instrumento.»

ANTÔNIO MENESES

Uma das afirmações que arrisco definir como indiscutível, é que a escolha do instrumento é ou deve ser uma decisão muito pessoal. Além de parâmetros mais ou menos consensuais como o volume de som e uma construção sólida e fiável, o gosto e o ouvido pessoais empurram naturalmente os instrumentistas para um mergulho num imenso mar de possibilidades. Sobre os seus violoncelos atuais, Meneses afirma que o Goffriller «soa como um tenor», mas que «a cópia de Montagnana lembra mais um barítono» - sensações que aliás encaixam plenamente nas características associadas a estes construtores e modelos. Contudo, a apreciação de instrumentos, nem sempre é incontroversa ou inequívoca: o que para mim soa escuro e doce, pode soar triste e insosso para outros, o que para uns soa brilhante, para outros soa estridente. E dificilmente nos livraremos destas querelas, apesar de que alguns preconceitos relacionados com estilos, escolas e tradições tenham sido vencidos nas últimas décadas.

Outro ponto assente é a importância de ter um *luthier ou chalumier* competente (e paciente) que saiba acompanhar tanto o processo de compra como a manutenção posterior. Essencial e com uma relevância quase equivalente à do próprio instrumento, é também a seleção cuidada e criteriosa de um considerável número de "acessórios". Dependendo da família do instrumento, tanto boquilhas, como bocais, arcos, cordas ou afins, são personagens principais e determinantes no tal processo e, mesmo o material produzido em série, vulgo "de fábrica", não garante uma clonagem infalível: o instrumentista deve procurar um material que harmonize com a sua ambição e com as características do instrumento.

Como se tamanha aventura não bastasse, pianistas e percussionistas deparam-se quase diariamente com a realidade de tocar instrumentos absolutamente desconhecidos ou para os quais lhes foram dadas apenas poucas horas ou minutos de cumplicidade antes de um importante recital ou concerto. Algures sentado numa plateia, ao ouvir comentários como «este pianista tem um som especial», pergunto-me modestamente que percentagem de mérito tem o pianista e quanto se deve ao próprio instrumento, embora seja louvável ou mesmo hercúlea a formidável arte paralela que os pianistas são obrigados a desenvolver -uns melhor que outros, é certo- pela força das circunstâncias.

«Um bom instrumento certamente ajuda, mas não é o suficiente.»

ANTÔNIO MENESES

Mas então, em que é que ficamos? Será um instrumento, por si só, uma garantia de sucesso? Ou de pouco serve se faltar o talento e a técnica? Nem oito, nem oitenta. Antônio Meneses salienta que «muitos instrumentistas jovens querem adquirir muito cedo um grande instrumento, antes mesmo de criarem na mente e na alma um som especial» e que, ao invés, «tocar num instrumento de pouca qualidade pode ajudar, durante a formação, a lutar mais por esse som único e individual». Não posso deixar de subscrever. Apesar da manifesta importância de ter um bom instrumento, esse de forma alguma substitui o próprio instrumentista como idealizador e criador do som e da música a ele associada. Além disso, um instrumento é tão-só mais um elemento de um *pack* completo, uma espécie de aliado ou fio condutor que, mais do que disfarçar supostas limitações, deve evidenciar e potenciar as melhores qualidades do instrumentista. Corrijo: do músico.